



LOMBA DA MAIA 2016



Montalegre 2016



TEMA 2.2. AS MOURAS ENCANTADAS NO IMAGINÁRIO GALAICO-PORTUGUÊS LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E DA LINGUAGEM, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

As mouras encantadas constituem uma das mais ancestrais alegorias populares da cultura galaico-portuguesa.

- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
 - *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*
 - *A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas*
 - *O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa*
 - *O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular*
 - *Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional*
 - *A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica*
 - *A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio*
 - *Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução*
 - *O mau-olhado na cultura popular*
 - *A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila*
 - *Referências e indícios hebraicos na literatura popular*
 - *Contributos árabes na literatura popular portuguesa*
2. *Ensaaios*: A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária.
3. *Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração)*: A cidade, A língua.
- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
 - Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Coordenador (ESE Setúbal, 1986/2016)
 - Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro (1990/1995)
 - Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal, Bona (1995/1996)
 - Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
 - Coordenador do núcleo CAPLE ESE IPS (2006-2016)
 - Presidente dos Júris - Provas de ingresso para os estudantes internacionais e com mais de 23 anos ESE Setúbal (2014/2016).
 - Presidente do Júri de Português para os Mestrados na área do Ensino Básico ESE Setúbal (2016).
 - Elemento do Júri em concursos académicos e profissionais (Professores Coordenadores, adjuntos, especialistas, relatórios de Mestrado.)

Desde Leite de Vasconcelos que sabemos que, para o povo português, os mouros representam todos os povos que habitaram o nosso território antes da sua definitiva cristianização.

De todas as heranças que esses povos nos deixaram, a moura é sem dúvida, uma das que exerceu um especial fascínio no nosso imaginário coletivo. Embora não existam lendas de mouras encantadas na cultura islâmica, já nas culturas cristãs peninsulares, de matriz celta e germânica, podemos afirmar que a sua presença afirma-se como um dos mais sentimentais, maravilhosos e encantadores produtos do nosso imaginário tradicional.

Tecidas a filigrana, são as mensagens amorosas que encerram verdadeiros tesouros que se perdem nos mistérios poéticos e luminosos que irradiam dos arcaicos cultos aquáticos e solares.

É certo que existem relações entre as mouras e as fadas, as sereias, as ondinas, as burgas, as valquírias, Melusina e as Jans, mulheres invisíveis, facilmente integradas nos cultos cosmogónicos de referência elementar: ar, terra, fogo e ar.

AS MOURAS ENCANTADAS NO IMAGINÁRIO GALAICO-PORTUGUÊS, LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

29. 1. As mouras enquanto tema

As lendas das moiras encantadas, das suas penas e sofrimentos, dos tesouros que ocultam e guardam, tão ciosamente, costumam ser associadas às lendas dos génios maus e dos génios bondosos *djinns* que, tão sublimemente, retratam o imaginário relativo à presença muçulmana, tanto na nossa literatura popular como na nossa literatura erudita:

“Gens ou Jens

XXXIV

O que eram esses seres extraordinários tantas vezes invocados pelos antigos?

Eram duendes, respondiam uns: fadas, afirmavam outros; mouras encantadas, sustentava muita gente.

Ninguém o sabe ao certo, embora nas povoações e freguesias de barlavento (fraz de algarvia que significa a região a poente da mesma provincia) e mui principalmente nos concelhos de Portimão, Lagos, Aljezur e Villa do Bispo, não há muitos anos, e ainda hoje, falem das gens ou jens.

A opinião mais corrente n'aquelles concelhos considera estes seres mouras encantadas. Ninguém as viu nunca, muitas pessoas, porém se utilisaram dos seus serviços, sempre validosos, prontos e muitos.

Eram as gens ou jens eximias fiadeiras pelas pessoas, que lhes deviam grandes serviços e por isso as bem-diziam. [...]” (Oliveira 2009: 249-250).

O tema mais do que o motivo é todavia mais denso e problemático. A associação entre as mouras encantadas e os génios, bons e maus parece-me mais que razoável, embora os génios estejam desprovidos de ambiguidade, afirmando-se claramente pela sua bondade ou pela sua maldade (Corão, cap. 72: 1-11):

“Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso!

1. Diz: «Foi me inspirado que um grupo de génios me escutou e que disseram: “Em verdade ouvimos uma pregação maravilhosa que conduz à retidão. Cremos nela.» [...]

5. Cremos que nem os homens nem os génios dirão mentiras contra Allah.

6. Alguns homens, entre os humanos, buscarão refúgio entre os génios varões, mas aumentou-lhes a ruindade.

7. Eles pensavam, como pensáveis, que Allah não ressuscitaria ninguém.

[...]

11. Entre nós estão os justos e entre nós estão os que não o são: constituímos seitas distintas.”

As mouras encantadas, contrariamente aos génios, perpetuam uma certa ambiguidade e uma certa tensão entre o seu poder sedutor, a beleza dos seus olhos e do seu rosto e a repulsa que gera a fealdade da sua componente animal serpentiforme. Essa tensão pode ser expressa simplesmente entre o seu poder de atração sexual, e o perigo que constitui para o descanso e conforto das almas piedosas.

Elas prolongam arcaicos mitos relativos aos inícios dos tempos e à criação do mundo. Em Hesíodo, na sua Teogonia, refere o nascimento do monstro, arquétipo, pela sua forma, da nossa moura encantada, Equidna, a materialização da alma violenta. O seu corpo é formado por uma parte superior de mulher extremamente desejável e uma parte inferior de uma enorme e temível serpente:

“«Son corps est pour moitié d’une jeune femme aux, belles joues et aux yeux qui pétillent, pour moitié d’un enorme serpent, terrible autant que grand, tacheté, cruel, qui gîte aux profondeurs secrètes de la terre divine»” (Hésiode 1996: 42-43).

Cristóvão (2010: 229-230) relembra a relação existente entre as mouras e as Nereides, filhas de Nereo, filho do mar e de Doris, filha do Oceano, que viviam nas florestas, nos rochedos, em grutas, no fundo dos rios e das fontes. Longos cabelos loiros, lembrando nítidas conotações solares. Serão os seus pés de burro mais uma das marcas solares relacionadas com os mistérios celebrados em honra de Elêusis, ou mais uma sugestão da sua intensa sexualidade, tal como a encontramos no mito de Psique (*O burro de ouro ou As metamorfoses de Apolo* 1978) tão habilmente sublimada, ou uma fusão destes dois conceitos?

Malaxecheverría (1982: 7), na senda de muitos outros estudiosos do imaginário já havia, claramente relacionado o mundo animal com o inconsciente e consequentemente com a feminilidade e a sexualidade:

“Si tout animal peut symboliser l’inconscient – et par consequente la féminité -, certaines figures du Bestiaire ont fait l’objet d’études assez approfondies pour qu’il soit permis de porter une attention critique sur d’autres bêtes moins communes. Où trouver un meilleur exemple de l’archétype de la féminité que dans les avatars du dragon ou du serpent ennemis du héros sauroctone? Les aspects dangereux de l’ánima incarnés dans des monstres comme la sirène sont suffisamment connus; il en est de même pour l’ánima considérée comme prisonnière (la vierge captive du dragon) ou pour les aspects érotiques du reptile.”

Na sequência desta lógica, torna-se pertinente lembrar as diferentes manifestações populares e misóginas da mulher 'engolidora' e 'fatal'. A conotação negativa e de inferioridade da mulher é uma constante em todos os sistemas dualistas, tanto de tipo platónico como gnóstico ou maniqueu. Durrand (1989: 75) relembra-nos que a feminilidade, entre os Caraíbas e os Iroqueses é rejeitada para a esfera da animalidade. A moura encantada, tal como a sereia, não passa de um dos expoentes de tal imaginário:

“A moira, à semelhança da sereia e com ela se confundido por vezes, é uma representação fragmentária do feminino e como tal incompleta e incorrendo nos perigos de qualquer forma de hibridez.

Na realidade, a imaginação humana deliciou-se multiplicando uma imagem dividida da mulher que primava por uma insistência absoluta na corte entre a parte superior e a inferior, sendo a primeira geralmente humana, enquanto que a segunda podia assumir a forma de diversos animais: serpente, cabra e peixe são os mais comuns. Essa divisão não foi certamente ingénua, visto a parte superior do corpo ser considerada mais espiritual, por se encontrar mais alta, mais «livre» do peso da gravidade, enquanto a outra parte, conotada com a metade sexuada do corpo, se tornava a mais baixa a vários níveis, aquela que se encontra mais próxima do chão e da sua simbólica.” (Meireles 2003: 11)

É, todavia, o século XIX que, através da etnografia romântica, as redescobre. Os franceses, através das traduções de Antoine Galland, voltaram a reatar a sua íntima relação com o Oriente das *Mil e uma Noites*, a partir de 1704. Deste modo, também permitem uma valorização mais descomplexada com a nossa herança muçulmana, tão intensa na península ibérica, que prolongou a sua presença e o seu domínio no reino de Grenada até finais do século XV. A península volta-se para a sua herança medieval e contempla o génio do seu povo, rico de uma herança oriental e muçulmana milenar (Pedro Afonso; D. Juan Manuel; Juan Ruiz, arcipreste de Hita; Ramon Lull; Eiximenis...). A literatura portuguesa medieval também nos oferece algumas referências a figuras femininas híbridas:

“A velha lenda da Dama do Pé de Cabra constitui uma versão de um conto muito conhecido em toda a Europa e que foi igualmente adaptado à origem de várias famílias, entre as quais à mais célebre, a de Lusignan, que teria nascido de Melusina, a feiticeira aquática. No Livro de Linhagens existe outra versão do mesmo conto, o de D. Marinha, proveniente de outra região da Península, a Galiza.

O elemento comum de todos estes contos é a origem sobrenatural da mulher, que vem da floresta ou das águas, quer dizer dos espaços da natureza onde dominavam as forças que o homem não podia controlar e onde ele julgava que se teriam refugiado as potências extraterrenas, meio demoníacas, depois das conquistas do cristianismo. (Mattoso 1983: 66)

E el lhe disse que, pois, era molher d’alto linhagem que casaria com ela se ela quisesse, ca ele era senhor daquela terra toda. E ela lhe disse que o faria se lhe promettesse que nunca se santificasse. E ele lho outorgou, e ela foi-se logo com ele. E esta dona era mui fermosa e mui bem feita em todo seu corpo, salvando que havia ãu pee forçado como pee de cabra. (LL 9A4 in Mattoso 1983: 70)

O primeiro foi ãu cavaleiro boo que houve nome dom Froiam, e era caçador e monteiro. E andando ãu dia em seu cavalo per riba do mar, a seu monte, achou ãa molher marinha jazer dormindo na ribeira. E iam com ele três escudeiros seus, e ela, quando os sentio, quise-se acolher ao mar, e eles foram tanto empos ela, ataa que a filharom, ante que se acolhesse ao mar. E depois que a filhou aaqueles que a tomarom fe-a poer em ãa besta, e levou-a pera sa casa.” (LL 73A1 in Mattoso 1983: 72)

São as antepassadas das nossas mouras encantadas a que já se refere Gil Vicente: Cortes de Júpiter:

“Estes romances cantão os Planetas e Signos, quatro vozes, pera com as palavras delle e musica desencantarem a Moura Taes de seu encantamento a qual entra com o terçado e annel e didal de condão, que Mars disse que ella tinha em seu poder, e diz:

Moura

*Mi no saber que exto extar,
 Mi no saber que exto xer,
 Alah saber divinar,
 Lo que extar Alah saber;
 Alah saber y yo no;
 Alah saber max que yo,
 Alah, digirme que ex extro.
 Jupiter, que á mí mandar?
 Dox mil añox extar cantada;
 Agora donde llevar?
 Agora outro mundo extar,
 Agora no saber nada.
 Porque tirarme de caxa,
 Porque d'inferno tirarme
 De companhia de Axa,
 Mi hija nieta de Braxa,
 Reina que extar del Algarbe?"*
 (Vicente Gil 1965:1009)

Em Portugal, só após as pesquisas de Adolfo Coelho, Teófilo Braga e José Leite de Vasconcelos, podemos saborear o que havia constituído um dos núcleos do thesaurus da nossa tradição popular. Desse modo, *As Mil e Uma Noites* sustentaram o romantismo literário, ao qual deram o tom de mistério e de orientalismo, que tanto se estimou na época.

Garrett, ele próprio, não deixou de ser sensível a toda a 'poeticidade' do motivo das mouras, inscrevendo-o no coração de alguma das suas obras, tal como no poema de D. Branca:

*"E vós, formosas moiras encantadas,
 Na noite de São João ao pé da fonte
 Áureas tranças com pentes de ouro fino
 Descuidadas penteando enquanto o orvalho*

*Nas esparsas madeixas arrocia
E os lúcidos anéis de perlas touca...*” (Garrett 1963: 499).

Estas lendas têm uma origem popular e propagam-se oralmente ao longo de inúmeras gerações. Serviam para transmitir os valores essenciais às sucessivas gerações e tornaram-se, desta forma, vestígios de usos, costumes e tradições das épocas mais arcaicas e originais. As suas características afirmam-se numa linguagem de grande simplicidade, compreensibilidade e densidade simbólica. Talvez tenha sido essa a razão pela qual durante tantos anos foram menosprezadas, abandonadas e quase esquecidas pelos autores e investigadores que as consideravam um produto inferior, ilógico e sem nexos, desprovido de qualquer importância cultural, filosófica ou literária.

O género só se afirmou a partir do século XIX, em pleno romantismo, quando o orgulho pátrio, o regresso às raízes, as ideologias nacionalistas se tornaram motivos de prestígio, de orgulho e da especificidade de cada povo. Almeida Garrett iniciou então as suas recolhas de caris popular, valorizando produções poéticas, romances, contos e lendas, na senda de outros intelectuais europeus. Gianfrancesco Straparola (1550), Giambattista Basile (1634-1636), em Itália; Perrault e La Fontaine, em França, Walter Scott na Inglaterra, os irmãos Grimm e Heinrich Hoffmann na Alemanha, assim como Hans Cristian Andersen na Dinamarca. A partir desse esforço, uma plêiade de outros autores inspiram-se nos motivos e nas formas populares para escreverem os mais variados géneros literários incluindo romance até então exclusivamente reservados a temas e motivos clássicos e eruditos.

As características mais salientes da lenda deriva da sua oralidade, a sua dimensão é, geralmente curta, o seu enredo simples, as poucas personagens que retratam de tipo convencional, estereotipadas e emblemáticas. Os temas e os motivos enraízam-se em antigas configurações universais, mitos indo-europeus, nórdicos, germânicos ou mediterrânicos, por vezes com intrusões exóticas e do médio oriente. Reconhecemos configurações narrativas, mitemas (Durand 1982: 74), e histórias em versões múltiplas e em regiões bastante distantes. A maior parte refere espaços e locais míticos, momentos imprecisos, onde o próprio conceito de tempo se dilui na poeira dourada da magia e da poética da fértil imaginação de cada povo. Basta invocar a terra de Avalon, ou o mundo do além referido nos antigos contos celtas:

Connla do Cabelo de Fogo era filho de Conn das Cem Lutas. Um dia, quando se encontrava ao lado do pai no alto do Usna, viu uma jovem donzela com um estranho traje vindo em sua direção.

“De onde você das Planícies dos Sempre Vivos”, disse ela, “ali onde não há morte nem pecado. Lá sempre é feriado, e não precisamos da ajuda de ninguém para sermos felizes. E em todo nosso prazer não temos brigas. E como temos nossas casas nas redondas colinas verdes, os homens nos chamam de Povo da Colina.” (Jacobs 2002: 15)

30. 2. Origem e tipologia

Existem vários tipos de mouras encantadas. José Leite de Vasconcelos distinguia-as tendo em conta os diferentes espaços em que se manifestam: fontes, poços, cisternas, paredes e ruínas (in Amália Marques 2013: 21). Consiglieri Pedroso organiza-as segundo quatro pontos de vista:

- 1.º como divindades ou génios femininos das águas (fontes, rios, ribeiros, poços, etc.),*
- 2.º como guardadoras de tesouros encantados,*
- 3.º como fiandeiras e construtoras de monumentos,*
- 4.º como génios maléficos que perseguem o homem ocasionando-lhe diversas doenças.” (Pedroso, 1988: 218)*

Nesta reflexão fixar-nos-emos nas ocorrências da imagem da jovem e princesa moura, da imagem da mãe, eventualmente fiandeiras ou guardiã de tesouros, assim como do ser híbrido que pode ser, apresentando sobretudo a forma de serpente, eventualmente relacionada com as águas, com as grutas e com as pedras. Cada um destes tipos possui as suas características distintas e, eventualmente, espaços de eleição, uns mais agrestes e ermos, outros mais próximos dos comuns dos mortais.

As lendas visitadas revelam-nos vestígios de tradições heterogéneas muito arcaicas, de origem indo-europeia e eventualmente oriental. A sua vetustez é atestada pelo seu enraizamento, pela sua difusão geográfica e pelo número de variantes que apresentam.

As mouras não aparecem nas tradições e nas lendas como seres totalmente imaginários mas sim como seres reais, eventualmente mais mágicos a norte e mais 'históricos' a sul. A sua aparência é mais frequentemente humana a sul e semi-humana a norte, por vezes sob a forma animal ou híbrida

(mulher e serpente ou cobra). A norte, prolongam uma saudade infinita, de um tempo perdido e paradisíaco; a sul dominam as saudades da família perdida e dos amores contrariados. São guardiães de saberes fabulosos e tesouros valiosos. No norte, vivem nos montes, nas florestas, nos rochedos, nos monumentos pré-históricos tais como nos dólmenes e nas antas, nas fragas, nas grutas e nas covas; no sul predominam as cisternas, as fontes, os lagos e os rios, mas também vivem em castros e nas torres abandonadas à inclemência dos elementos.

Podemos afirmar que, tanto a norte como a sul de Portugal e na Galiza, a moura exerce nas populações um grande fascínio, embora o modo como esse deslumbramento se manifesta seja diferente. Estes seres míticos aparecem associados a elementos básicos: terra (montes, subterrâneos, rochas, etc.) e água (rios, riachos, fontes, etc.):

“Lenda da Fonte Mouro

[...] Ao ver chegar o amante encheu-se-lhe o coração de alegria e de gratidão por Alá. Ergueu os olhos ao céu numa muda oração de agradecimento pelo paraíso que antevia abrir-se-lhe e, nesse momento exato, um estranho caso aconteceu: Aldonça transformou-se em fonte, Atanásio transmudou-se em serpente. [...]” (Frazão [s. d.]: vol. V: 88)

“As Mouras do Rio Seco

Menos afortunada foram duas irmãs encantadas naquela mesma horta, com o filhinho de uma delas. Uma chama-se Alíria e outra Tomazina, ao que consta. Costumam aparecer sob diversas formas. Há quem afirme tê-las visto, uma sob a figura de serpente e a outra de enguia. Mas quase sempre aparecem sob a sua forma humana, trazendo uma delas, nos cabelos, um lindíssimo brilhante. Dizem as pessoas entendidas que o brilhante é o filhinho encantado.” (Frazão [s.d.]: vol. VI: 90)

“Lenda da Fonte da Moura

[...] Em breve se efetuou a tocante cerimónia do batismo da jovem moura. Um ano depois, a nova cristã entrava para um convento tal como havia dito. E a fonte que brotava espontaneamente em plena terra ribatejana continuava ainda correndo através dos séculos, dando ao viandante a frescura das suas águas.” (Marques, 1997: 367-368)

“O rio seco

[...]. Ao ver a data tão próxima, a jovem encontrou-se pela última vez com o príncipe cristão, para se despedirem. E sucedeu que ambos choraram tanto neste último encontro, ao ponto de a seus pés se formar um grande lago. Esse lago foi crescendo e dele se formou um rio. Por fim separaram-se e cada um foi à sua vida para nunca mais se encontrarem. [...]” (Paraíba 2006: 339)

“[...] Na noite de San Xoán sae no Outeiro de Vimieiros unha moura, que se pon por riba duns penedos que hai na banda Oeste do castro. En canto se pon niles deita no sitio unha fonte, en cuia auga a moura láva a cara e pentea os seus cabelos.” (González Reboredo 1989: 66)

No norte do país, é mais comum associar-se as mouras a elementos e fenómenos da natureza, tais como rochas e pedras com características especiais, formais, estruturais ou funcionais, tais como os monumentos funerários que se assemelham a antas e a dólmenes. Sabe-se que esta zona do país é bastante pródiga e diversificada do ponto de vista geológico e paisagístico, por vezes enigmática pelos caprichos da natureza outras misteriosa, pelas vontades esquecidas de povos que nela se perpetuaram, nos seus ricos monumentos pré-históricos. Na memória coletiva todos os povos que ocuparam o nosso território anteriormente aos muçulmanos confundem-se e cristalizam-se na figura do mouro:

“Pour Martins Sarmiento, la désignation “maure” couvre des croyances et des traditions antérieures à l’arrivée des Maures dans la Péninsule Ibérique: Les chrétiens signalèrent comme païens les peuples qu’ils avaient détrônés. Plus tard ils reprirent cette même désignation pour les envahisseurs arabes qu’ils appelaient tantôt mouros (maures), tantôt pagons (païens), comme le montrent les chroniques de l’époque. Maure et païens devinrent ainsi des noms pratiquement synonymes, mais comme le vocable “maure” avait un référent concret, l’envahisseur, il prit le dessus et remplaça peu à peu le mot “païen” dans l’usage.” (Sarmiento 1933: 68-71 in Cristóvão 2010: 48)

“«O povo – diz o sr. Leite de Vasconcelos—cuidando que antes dos mouros ninguém mais existiu, serve-se da palavra mouro para designar não só os monumentos arruinados, mas os que oferecem uma aparência estranha.»

É verdadeiro aquele enunciado. Para o algarvio uma caverna de forma menos regular foi necessariamente habitada pelos mouros; os poços, as fontes, os penedos, as furnas e os algares, foram esconderijos dos mouros; os castelos arruinados, as muralhas, as torres e todos os monumentos, cuja origem lhe é completamente desconhecida, são obra dos mouros, porque os julga o único povo antigo, depois do povo hebreu. É por isso que não podemos dar um passo no Algarve que não encontremos vestígios serracenos. Os poços dos mouros, as cavernas dos mouros, a fonte da moura e outras designações mouriscas encontram-se por aí em toda a parte. E quasi sempre ligadas áqueles monumentos andam as lendas, embora quasi esquecidas e apenas reduzidas a factos isolados.” (Oliveira 2009: XVIII)

É nossa convicção que as lendas de mouras, a sul do nosso território, talvez tenham sido mais contaminadas com o imaginário que os muçulmanos desenvolveram em torno das figuras dos *djinnns*, enquanto as do norte apresentam características mais arcaicas, fruto de aculturações variadas entre os vários povos da antiguidade, com especial relevo para a mitologia greco-latina e germano-celta.). No sul do país, algumas destas lendas podem ter surgido a partir de acontecimentos históricos reais e traumatizantes, lidos e interpretados à luz da pródiga imaginação popular como é apanágio do género. Sublinhemos, também, nesta região, a íntima relação entre a moura e a água (fontes, ribeiros, cisternas... (Marques 1997: 112, 149, 318, 326, 338, 339, 365).

O estudo da moura, enquanto entidade do nosso imaginário, não se pode esgotar num estudo dedicado às influências mouras na nossa literatura tradicional. Trata-se, de fato de uma entidade muito mais complexa que sofreu diversas influências culturais, tanto greco-latinas como ibero-celtas e germânicas. O imaginário galego conservou bastante bem estas últimas características, até na sua aparência física, donde não poderia deixar de sobressair as referências à cor arroxada ou vermelha do cabelo:

“A moura posúe longos cabelos, polo xeral de corroxiza. Ter um cabelo bonito e a ser posible desta cor é un dos requisitos que debe posuír unha moza para ser tida por fermosa:

*«Peina os teus cabelos, rubia,
Non te fagas preguiceira,
que a honra d’unha rapaza
é ter boa cabeleira»” (Llinares García 1990: 55).*

Até o imaginário asturiano ainda conserva a confusão entre as velhas memórias celtas e as mais recentes referências mouras:

“Las xanas son ninfas o hadas benéficas, vinculadas generalmente a cuevas, fuentes y cauces de los ríos. Tienen un aspecto totalmente humano, si bien son pequeñas de estatura, suelen poseer una larguísima cabellera, y son de una extraordinaria belleza. Ramón Sordo Sotres, por el contrario, recoge en el área oriental de Asturias, historias en las que las inxanas, “eran mujeres chiquitinhas, muy chiquitinhas, morenas, muy morenas”. En las historias recogidas por Sordo, se asimilan las inxanas a las mujeres de los moros: “Las inxanas eran las mujeres de los moros que dejaron éstos cuando se fueron y que estaban metidas por las cuevas, en Vegas y Jonfría”. En otras versiones (como las de R. Baragaño y C. Cabal) las presentan como rubias. En todo caso, suelen ser pequeñas y de extraordinaria belleza.” (Arrieta Gallastegui 1995: 13)

“Les Xanes tienen la apariencia de mujeres jóvenes, de gran belleza, com cabellera larga y rubia. Se aparecen preferente de noche o en torno a la mañana de San Xuan en fuentes o cuevas a las cuales suelen estar vinculadas. Visten sayas largas al modo del país o vestiduras blancas, algunas incluso van desnudas, según los relatos. Acostumbran a peinarse com peines de oro y tienen gallinas y polluelos del mismo metal.” (Álvarez Peña 2005: 15)

As mouras encantadas são espíritos ou seres fantásticos com poderes sobrenaturais do nosso folclore popular. São obrigados, por uma força sobrenatural, a viverem num estado quase letárgico, enquanto não lhes quebrarem o encanto. De facto, existem distintas teorias relativamente à origem e à formação das lendas das mouras encantadas. Ponderamos, neste trabalho algumas das hipóteses que nos parecem mais congruentes.

A sua remota origem pré-romana não nos perturba sobremaneira. Percebemos a sua densidade simbólica, a sua dimensão metafórica, a sua relação com os mitos e com os ritos. Sabemos que “mouros” era o nome atribuído pelos romanos aos nativos da Mauritânia, também não podemos esquecer as especulações linguísticas que nos alertam para a existência da palavra 'marwo' no proto-celta designando o conceito de 'morto'.

Não desconhecemos a teoria que considera que o termo possa ter derivado da palavra grega “moira”, que significa destino e que também assim se apelidavam certas divindades originárias da sua mitologia: as 'Moiras'.

Se nos colocarmos no espaço germano-celta, teremos que ponderar o conjunto de palavras com o mesmo étimo e da mesma área semântica de 'mar' (Bastos 1988: 73-74), tais como 'mori', ou 'mori-morwen' sereia, associando provavelmente as mouras às ninfas, espíritos sub-humanos que habitavam os rios. A teoria celta também remete para as palavras 'mahra' e 'mahr', que significam espírito. As Valquírias germânicas e mais tarde as nossas Tágides inscrevem-se nesse mesmo imaginário. Consiglieri Pedroso afirmou claramente, num trabalho sobre as superstições relativas à noite de São João, que as mouras encantadas eram divindades ou génios femininos das águas:

“As Mouras Encantadas

[...] análogas às nixen germânicas, às lac-ladies inglesas, às rusalki rusas, às vilas sérvias, às elfen, escandinavas, às naiadas gregas, etc. Eram também, além disso, os génios que guardavam os tesouros escondidos no centro da Terra, crença que é comum a todos os povos, que conservaram vestígios desta entidade mítica, que parece ser indo-europeia ou pelo menos europeia, por isso que se encontra, quase sem exceção, em todos os grupos áricos da Europa. Apenas da mitologia portuguesa desapareceu a feição maléfica que estas entidades por vezes revestem em outras mitologias, por ex. na russa; a não ser que queiramos ver um derradeiro reflexo desta concepção nalgumas superstições ainda hoje em vigor no nosso país e que se executam junto às fontes. Que novas descobertas venham confirmar ou infirmar esta hipótese, é certo que de todas as criações do nosso maravilhoso popular, esta é incontestavelmente uma das mais poéticas e talvez a que melhor reproduz a crença geral europeia, [...]” (Pedroso 1988: 217-218)

A literatura medieval interessou-se particularmente pela figura da mulher junto à água, para além das mulheres marinhas, representa-as junto de rios, fontes e lagos. Basta referir o conto da Dama da fonte inserido nos Mabinogion de tradição galesa, escrito no decurso do século XIV:

“Owein tomou a corça, esfolou-a e partiu-a em pedaços que enfiou em uns espetos e pôs a assar no fogo. O resto do bicho deu-o ao leão para comer. Estava Owein ocupado com estes trabalhos, quando ouviu um fundo e prolongado gemido, depois um segundo e ainda um terceiro, este último já muito próximo Owein soltou um brado e perguntou se estava ali alguém e se era gente de este mundo.

«Sim, podes estar certo que sou gente de este mundo», respondeu uma criatura.

«Quem és tu, então?», perguntou Owein.

«Pela minha fé te digo», respondeu a criatura, «que eu sou Luned, a donzela da Dama da Fonte.»” (Morais 2000: 262)

A memória de Mélusine continua bem viva junto das fontes em território francês, em particular na Borgonha e no Poitou:

“L’histoire de Mélusine est aussi racontée avec cette variante: Mélusine était femme d’un seigneur qui était très fier de la beauté de sa dame. Une seule chose traversait le bonheur du châtelain, à un certain jour de l’année, Mélusine se faisait invisible pour tous, même pour lui. Vainement la suppliait-il de lui faire connaître les causes de cette retraite, Mélusine ne répondait que par des larmes. Obsédé par des sentiments de toutes sortes, un jour ce seigneur résolut de découvrir à tout prix le mystère. Il pénétra secrètement dans l’habitation de sa femme et au moyen d’une fente pratiquée dans la porte, plongea le regard dans la chambre où était la châtelaine. Morte et enfer ! Qu’aperçoit-il ! Mélusine ayant toujours, de la tête jusqu’à la ceinture, sa beauté divine de femme, présente dans le reste de son être la forme d’un hideux serpent. A cette vue le seigneur jette un cri. Mélusine qui l’entend, est si courroucée et si honteuse d’avoir été surprise dans cet état, qu’elle pousse à son tour une clameur qui fait trembler le château et la forêt, et se précipite dans un puits où elle trouve la mort.” (Delmas 2006: 71)

Em 1858, as ondines ainda continuavam a ser temidas na Provença e em particular na Côte d’Azur:

“Le jeune godelureau, alléché par les attraits qu’il découvrirait, s’approcha de la jeune fille pour lui dire quelques mots aimables ; il fut répondu aimablement à ses paroles ; s’enhardissant, alors, il voulut passer des paroles aux actes. Mais, la jeune fille se mit à fuir, le galant la poursuivit ; ils allaient ainsi à travers champs, folâtrant plutôt qu’ils ne couraient, car la fillette s’arrêtait dès qu’elle avait un peu trop d’avance sur son amoureux, se contentant de lui glisser entre les doigts lorsqu’elle était serrée de trop près.

Or, tout à coup, le jeune homme glisse et tombe dans une pouzzaraque, sorte de mare, qu’il n’avait pas vue.

Aussitôt la jeune fille, qui n’était autre chose qu’une masque, poussa un ricanement diabolique et disparut.” (Delmas 2006 765)

Em 1811, Friedrich de la Motte-Fouqué publicara, na senda de *O livro das Ninfas* de Paracelso, o Märchen intitulado *Undine* (Ondina), um dos textos mais lidos e celebrados da sua época. Os motivos centrais da obra são precisamente os mesmos do *Livro da Ninfas*:

“[...] os espíritos elementares da água têm, em tudo, uma aparência humana, são «seres de sangue, carne e osso como qualquer de nós», dotados de razão e inteligência; não são, todavia, dotados de alma, podendo, no entanto, adquiri-la através da união sexual com os humanos; e, porque ardentemente a desejam, «esforçam-se por conquistar [os homens] e ganhar a sua intimidade», para que utilizem – por vezes, ardilosa ou insidiosamente – a força da sedução. Essa união é, no entanto, «lícita, pois faz parte dos desígnios de Deus em relação ao universo: «tal como um pagão pede o batismo e anseia por ele para obter a sua alma e se tornar vivo em Cristo, assim também esses seres perseguem o amor dos homens para se ligarem a eles». E «tal é o poder da aliança entre duas coisas que a inferior goza da vantagem da superior e tem a força desta.

Assim, de parte a parte, a união se traduz num ganho, na aquisição de «algo mais»: os seres elementares adquirem alma, mas por outro lado facultam aos humanos vantagens (por vezes materiais, pois são frequentemente guardiões de tesouros) e conhecimento.” (Motte-Fouqué 1989: 14)

Fadas encantadas, vivendo junto das águas ou em medonhas grutas continuam a criar sentimentos contraditórios em terras do Languedoque e do Rossilhão:

“C’est la grotte de l’Encantada, hantée par les fées durant les sombres nuits d’hiver. On sait que les filles des Dieux prennent quelquefois, par permission divine, figure d’animaux terrestres et c’est ainsi, qu’après une longue nuit affreuse, on entendait résonner l’écho de la forêt d’une inexplicable plainte : [...]” (Delmas 2006: 718)

A Princesa Moura do imaginário do sul habita, geralmente, num castelo e apaixona-se por um cavaleiro cristão ou torna-se objeto dos seus mais ardentes desejos:

“Lenda do Castelo de Alcoutim

[...]

Chegado à sala principal do castelo, o cavaleiro cristão encontrou-se com o ex-alcaide. Junto dele, estava uma linda moura, que atentamente observava o cavaleiro português através dos seus olhos de um negro invulgar.

O ex-alcaide saúda-o.

– Salaam! Estás em tua casa. Não quis partir sem cumprir até ao fim o meu dever. Esta é a minha sobrinha Zuleima. [...]” (Marques 1997: 37-38).

Na lenda da Moura Salúquia, celebra-se as qualidades da lealdade e da fidelidade da amada pelo seu amado, neste caso, partilhando a mesma confissão e civilização:

“Lenda da Bela Salúquia

Pois no velho Alentejo dos tempos da moirama, segundo nos conta a tradição, vivia uma formosíssima moura chamada Salúquia, filha do grande e poderoso Abu-Assan, governador de certa praça-forte que os cristãos ambicionavam conquistar. E nas noites bonitas, em que a terra se prateava de luar, a bela Salúquia cantava antigas romanzas que deixavam os homens enamorados...

Ora aconteceu que, certo dia, um moço cavaleiro das hostes cristãs sentiu bater mais forte o coração ao escutar o canto da bela Salúquia. Embora isso o apavorasse, ele sentiu-se apaixonado, atraído irresistivelmente por essa voz que falava de amor, embora na língua que ele mais odiava [...]” (Marques 1997: 115).

Algumas destas lendas confundem-se com as lendas etiológicas que tentam explicar a origem das coisas, de determinados fenómenos da natureza ou dos nomes (onomástica e toponímia), tal como a origem da toponímia Salir que nos relata que segundo a lenda, a povoação de Salir deve o seu nome à filha do alcaide mouro de Castalar, Aben-Fabilla. Ameaçado pelos cristãos (D. Afonso III), e tendo escondido o seu tesouro, abandonou o castelo. Os cristãos apenas encontraram a sua jovem filha rezando com fervor. De um monte vizinho, Aben-Fabilla avistou a filha e com rituais e fórmula mágica encantou a filha que se transformou numa estátua de pedra. Em memória desse estranho acontecimento ficou aquela terra conhecida por Salir (Marques 2006: 255-259; Frazão [s. d.] 63-66; Moutinho 2005: 163). Evocam, por norma, personagens históricas, e podem apresentar características religiosas tal como na lenda Oreana:

“A lenda de Oreana como relata Frei Bernardo circula ainda na serra d’Aire consta nos textos etnográficos locais com estes complementos de informação importantes: a moura de Alcácer era uma princesa; após o rapto, a rapariga foi levada «por causa do medo e da vergonha» para um sítio serrano que é hoje a aldeia de Fátima. Este topónimo provém de facto de o raptor aí ter escondido a cativa. Depois da conversão ao cristianismo e da mudança de nome, perdido o medo e a vergonha, foram ambos viver para o castelo de Ourém cujo o nome se diz derivar de Oriana. [...]” (Santo 2006: 244-245)

O contexto histórico, as personagens, assim como os acontecimentos costumam contribuir para o reforço da sua verosimilhança, procura-se enquadrar a ficção com o maior número possível de elementos históricos. O fabuloso e o fantástico surgem de forma quase impercetível e com bastante parcimónia. Por vezes, contribuem para a difusão e perpetuação de narrativas lendárias anteriores, sofrendo fenómenos de aculturação e incrustação

bastante meticolosos. Todas estas características, típicas da lenda, são particularmente sublinhadas no território português, com a sua maior expressão em terras algarvias.

A Moura tecedeira, fiadeira e tendeira não deixa de exhibir a sua forte ralação telúrica, transportando frequentemente pedras à cabeça e fiando com a roca atada à cintura:

“Vimos já que em muitos relatos da tradição oral a moura assume a dimensão de uma mulher multidisciplinar num quadro de labores essenciais no universo rural, isto é, a dimensão de uma autêntica supermulher situada no limite da realidade e da utopia. Das atividades que o vasto conjunto de textos que estudámos atribui à moura, destaca-se a de tecedeira e fiadeira, identificada em trinta relatos.” (Parafita 2006: 116)

A relação telúrica da moura com a força do mundo mineral afirma-se muito intensamente a norte onde vive mais recatada, em espaços mais ermos e selvagens. Essa pertença ao submundo e aos espíritos indomáveis da natureza talvez seja uma das características mais distintivas do nosso imaginário nortenho, assim como do imaginário galego:

“[...] Conta-se que foi uma moura que trouxe para ali aqueles penedos. O grande e os pequenos o maior trouxe-o à cabeça e os outros dois trouxe-os debaixo de cada um dos braços. E que ainda vinha afiar ao mesmo tempo. O povo diz também que existe nesse lugar um tear de ouro, e que à meia-noite do dia de S. João, se alguém passar perto, pode ouvi-lo a tecer.” (Parafita 2006: 349)

Estas mouras vivem sobretudo em grutas e em castros, citânias e outros monumentos megalíticos. As pedras antigas, com características naturais que recordam formas ou símbolos, tal como as que apresentam marcas propositadamente produzidas, são chamadas 'medalha das mouras', sobretudo em Trás-os-Montes. São frequentemente encontradas junto de citânias e castros. A superstição popular acredita que no lugar da Chã, concelho de Alijó, os mouros deixaram o seu vestígio numa anta ou dólmen denominado “Fonte Coberta”:

“Conta-se que uma jovem moura casou por amor contra a vontade do seu pai, um rei mouro. E por isso, pagou caro a sua desobediência, sendo obrigada a trabalhar para sustento da sua família e a construir, sozinha, a sua casa. Foi ela que carregou as pedras da anta à cabeça e ao colo

levava o seu filho ainda bebé. Diz-se que em noites de luar, ainda há quem oiça os ais da jovem moura a carregar enormes pedras.” (Parafita 2006: 207)

A Pedra Formosa, encontrada na citânia de Briteiros, também terá sido transportada à cabeça, por uma das mouras fiandeiras, para quem nada é impossível.

Segundo Abílio Brandão (1911, vol. XIV: 79), as Pedras-Mouras encerram riquezas encantadas e quem se sente em cima delas corre o risco de ficar encantado. O transporte de tais pedras é explicitamente proibido e em nenhum caso pode ser levada para casa, os animais de criação e os animais domésticos correm verdadeiro risco de morte.

Francisco Martins Sacramento (1990, n.º 100: 343-353) refere que a moura não se confunde com a pedra, mas vive dentro da pedra, que, por norma, está mergulhada na água e, em particular, num rio. A tradição afirma que, no penedo, 'entra-se para dentro' e 'sai-se para dentro':

“[...]

Uma rapariga ia lavar à ribeira muito cedo, mas mais do que ela cuidava, porque pelo caminho deu-lhe meia-noite, e, por isso com medo, escondeu-se atrás de uma parede, à espera de que viessem as outras companheiras. Isto foi nos arredores de Castelo Branco.

“[...] – Olha: desta pedra saiu daqui uma quantidade de família e disseram quando saíram: «Nunca tu, pedra, te abrerás, senão quando cominhos semearás.»

– Isso tem bom remédio: experimentar. Isso com meio quilo de cominhos, semeia-se assim muito terreno.

Compraram e semearam.

Abriu-se a pedra; eles entraram e viram uma casa cheia de muita riqueza. Eles tornaram-se também ricos e a sua casa ficou sendo das maiores daqueles sítios de Castelo Branco.” (Vasconcelos 1969: 758)

Outras destas lendas descrevem viagens de mouras para a 'mourama' sentada numa pedra que flutua no ar ou na água, muitas delas mencionam a existência de opulentos palácios e deslumbrantes tesouros:

“Assim, já vimos que uma lenda repetida à saciedade no nosso concelho é a da moura que vai para a mourama numa pedra flutuante. Este modo de transporte não é desconhecido na Irlanda: S. Molarins, voltando de Roma, atravessa para a Irlanda em cima duma pedra. E é mais para refletir que há grandes dúvidas sobre se os velhos santos irlandeses, alguns, pertencem realmente à galeria cristã se à druídica.” (Brandão 1990: 352)

A Moura-Serpente é um ser híbrido ou que tem a faculdade de se metamorfosear, como no caso da lenda da serpente de Noudar (Barrancos):

“Lenda da Fonte de Vide

Em Vale de Telhas, concelho de Mirandela, há um lugar a que o povo chama Fonte de Vide. Dizem os mais antigos, e já o ouviram dizer aos avós e bisavós, que naquela fonte há um encanto. Um encanto que é uma menina transformada em serpente.” (Parafita 2006: 278)

“A fraga da Moura (Alvações do Corvo)

Em Alvações do Corvo (...), a pouca distância, na margem do rio, entre umas vinhas, há uma gruta natural, rodeada de muitos penedos. A tradição popular apoderou-se dessa gruta e, segundo ela, aparece lá, na noite de S. João, uma moura, metade mulher e metade bicha, que tem naquela noite sempre muito varrida a entrada da gruta. Por isso se chama Fraga da Moura.” (Parafita 2006: 322)

A moura para além de aparecer como uma mãe extremosa como é representada na lenda da fonte coberta (Parafita 2006: 207) também se mostra extremamente generosa para quem a auxilia no seu parto:

“Lenda da Serra da Mourela

[...] Todos os mouros foram embora, mas ela ficou naquela gruta para criar o filho, e o povo diz que durante muito tempo se ouviu a moura a entoar bonitas canções de embalar. A gruta ficou assim conhecida como a “Pedra da Moura” e a serra onde ela está situada é a Serra da Mourela. Fica entre Pitões e Tourém, no concelho de Montalegre.” (Parafita 2006: 304)

“A parteira das mouras

[...]

A parteira entrou. E lá dentro da queda de água encontrou um palácio de ouro e pedras preciosas. Nele morava uma bela moura que estava prestes a ter uma criança. Conta-se que a velha cumpriu a sua missão com a prática e o saber de muitos anos, e ao regressar a casa, o rio e a queda de água voltaram a ficar como antes.” (Parafita 2006: 338)

Muito raramente a moura surge com a aparência de uma velha. Na realidade, trata-se de mais uma das formas de por à prova as qualidades humanas e filantrópicas dos pobres mortais. Solicita sempre vários tipos de ajuda. Em troca, revela toda a sua generosidade a quem corresponde aos seus pedidos e esse é sempre largamente recompensado:

“Lenda da Moura do Reboledo

Perto da aldeia de Santa Comba de Rossas, concelho de Bragança, existe um altinho denominado Reboledo, coroado por um amontoado de rochas. Conta a lenda que havia lá um encanto que costumava aparecer a um rapaz que era pastor. E que esse encanto tinha a forma de uma velha muito feia que lhe comia a merenda. [...]” (Parafita 2006: 227)

31. 3 Elementos simbólicos das lendas

O meio-dia ou a meia-noite, em particular do dia ou da noite de São João, são os momentos mais propício para as manifestações das mouras e dos seus encantamentos:

“A Moura de Algosó

[...] A fonte de S. João, de resto, continuava ali, lembrando a todos a desdita da mourinha encantada pelo bruxo e desafiando a coragem de quem sonhasse desencantá-la.

Uma noite, muito próxima da de S. João, um rapaz de Algosó que se apaixonara pela história sonhou que via a moura na fonte. Mal acordou, decidiu que, desse lá por onde desse, havia de tentar ver na madrugada de S. João se a lenda era verdadeira. Além disso, como corria se alguém visse a moura nas suas horas felizes lhe podia fazer três pedidos, os quais seriam atendidos, o rapaz achou que, apesar do medo, era talvez vantajoso fazer aquela tentativa. (Frazão [s.d.]: vol. II, 42-46)

O dia de São João corresponde ao solstício de verão, dia marcado pelas mais variadas festividades pagãs, muitos anos antes do cristianismo e da devoção a São João Baptista, primo de Jesus. Nesse dia, a essas horas, abrem-se as portas dos 'infernos' que permitem um contacto entre o mundo dos vivos e o mundo do além, o mundo dos seres encantados e imortais, a verdadeira terra da mourama.

As mouras são encantadas pelos seus familiares quando são obrigados a abandonar a península, por vezes são-no pelo facto de se apaixonarem por cristãos:

“A Moura do arco do Repouso

[...] Depois de ouvir tudo isto, o cavaleiro dirigiu-se à porta do castelo. Ao entrar pelo Arco da Senhora do Repouso viu ao lado esquerdo a cabeça de uma criança que assomava por um buraco. Reconhecendo nela o mourinho da sua amada, perguntou: - O que fazes aí, menino?

- Estamos aqui encantados: eu e a minha irmã.

- Porquê? Quem vos encantou?

- O nosso pai soube por uma espia que levavas nos braços a minha irmã acompanhada por mim e, invocando Allah, encantou-nos aqui no momento em que transpunhas a porta. Por atraíçarmos a santa causa do nosso Allah aqui ficaremos encantados.

- Por muito tempo?

- Enquanto o mundo for mundo – respondeu a criança com um ar misterioso, enquanto se ia diluindo nos ares.

O guerreiro chorou. Ainda quis perguntar pela moça, mas o mourinho tinha desaparecido sem deixar rasto. Diz-se que nunca mais riu. Terminando o cerco, pediu ao rei dispensa do exercício e recolheu-se a um convento, onde professou. (Frazão [...] vol. VI: 32-36).

Na maior parte das lendas, elas permaneceram, no nosso território, para guardar os seus tesouros, o seu património material e imaterial. Trata-se do verdadeiro *ouro das mouras*, metaforicamente representado por alimentos, instrumentos de trabalhos, roupas e animais, ... Tais tesouros podem ser encontrados, roubados, ou até oferecidos como recompensa por atos de altruísmo, filantropismo, ou até de bravura e coragem. Por vezes, as mouras deixam de poder suportar o sofrimento da sua existência e procuram a sua libertação, compensando generosamente o seu salvador. É a moura que toma a iniciativa, solicita, promete, e confronta os humanos com os seus medos, anseios, angústias, forças e fraquezas. O desafio proposto pode ser apenas o domínio sobre os seus impulsos, a forma como se deve resistir à curiosidade, a coragem de oferecer um beijo, uma oferenda conquistada ou roubada, a capacidade de manter segredo, a sagacidade e a astúcia para sobreviver.

As oferendas e as prendas relacionam-se com os atos de sedução, com os rituais de acasalamento e obviamente com o culto dos mortos. Pão e leite são as oferendas ou libações preferidas, assim se cultuavam os manes, divindades da família, no império romano, assim se cultuavam, os espíritos dos

mortos e da natureza. Deusas da fertilidade também exibem símbolos mais eróticos: “Entre esses emblemas, há três espécies cujo simbolismo afrodisíaco não levantaria qualquer dúvida: o cinto que a estátua usava, as sandálias e, finalmente os apetrechos da fiandeira: fuso e roca.” (Klossowski 1991: 27)

Nas lendas das mouras serpentiformes, sublinha-se o gosto e o desejo pelo leite, reforçando as suas características arcaicas ambigualmente e duplamente sexuais e matriarcais:

“O leite é alimento de nai a fillo, pero este fluxo interrómtese canto aparece a cóbrega. Esta mete o bico do rabo na boca do pucho ou do neno para enganalos e que non choren mentres ela mama da vaca. O feito de zugar convértese para a vaca nunha especie de plácer sexual, que fai que a vaca-nai rexeite a súa función (Criado, 1986). A idea de que o gusto desmedido polo leite é asociado a un plácer sexual perverso vese apoiada por unha información que fala de que unha nena debe ser destetada antes ca un neno, pois canto mais tempo mame, terá unha meirande apetência sexual, e será mais doado que se entregue ós homes (Prieto, 1947, p. 564). O leite é precisamente un dos alimentos dos que gustan as mouras, e no caso en que é tamén o medio de desencantamento ofrecido por un home, non é difícil a identificación leite=sémen:

“.... Foi o rapaz ca cunca [de leite bendecido], e saleulle unha grande cobra que se puxo a beber no leite e o rapaz sem se acañar tiña man da vasixa. Bebeu todo a cobra, e ô rematar convertiuse na señora do outro día e deulle moita riqueza” (López Cuevillas, 1929, p. 170)

A relación do leite coa sexualidade aparece reforzada cando temos en conta novas como a que fala de que os casados sem fillos van a un grabado serpentiforme levando un cuartillo de leite sem ferver (Rodríguez Figueiredo, 1973, p. 255). Neste caso, o leite mantén a relación coa maternidade que se ve negado no caso das cóbregas que maman das vacas, pero á súa vez tamén mantén o aspecto sexual que víamos que tiña no mesmo caso.

O leite, como se pode ver entón, posúe un dobre carácter: assexual, en tanto que alimento de nai a fillo, e sexual, en tanto que alimento de home a moura. Cando a consumidora é unha mulher pero a doador non é o axeitado (de vaca a cóbrega) ou o consumo é excesivo (de nai a filla), o componente de tipo sexual perverso vese enormemente reforzado. A consecuencia deste consumo erróneo ou en exceso é unha muller cun apetito sexual desmedido e que ademais é a que toma a iniciativa na seducción sexual, o que vai totalmente en contra da idea dominante de muller passiva frente a home activo. [...]” (Mar Llinares 1990: 53-54)

A mesma bicha que proporciona prazer pela sucção e procura o seu prazer na nutrição, engana as indefesas e inocentes criancinhas oferecendo-lhes a sua cauda, levando-as à fome e à inevitável aniquilação:

“A mulher, o leite e a cobra

«A mulher estava deitada e a cobra estava do lado da parede, debaixo do colchão e do enxergão e saía e punha o rabo na boca do menino. Depois, o menino andava muito magro e com a boca ferida, do rabo, das escamas da cobra. Depois, as antigas começaram a dizer que talvez fosse uma cobra e desasrredaram a cama, e entre o colchão e o enxergão encontraram a cobra e mataram-na.»» (Bastos 1988: 19)

“A velha e o carvão

Uma velhota de Vila Verdinho, concelho de Mirandela, andava um dia a guardar umas ovelhas num campo pegado à aldeia, quando lhe apareceram três mouras a pedirem-lhe um pouco de leite para matarem a sede.

A velhota, como era pessoa bondosa, foi logo mugir as ovelhas, deu o leite a beber às mouras e ainda lhes ofereceu parte da merenda que tinha consigo. As mouras agradeceram e uma delas pega então nuns pedaços de carvão e dá-lhos como paga, dizendo que os guardasse até casa e que não se arrependeria.” (Parafita 2006: 280)

Desencantada, não raras vezes a moura torna-se humana e casa com o seu salvador ou simplesmente evapora-se, os mouros, ou a consciência, raramente o toleram e tentam encantá-la novamente ou obrigam-na a recolher à terra dos seus iguais:

“Lenda do cinto da Moura

Certa vez, um rapaz observou por acaso um mouro estar a enterrar viva a filha. Como ia partir para a Moirama e não a podia levar, estava a encantá-la debaixo da terra. Assim, D. Mouro dizia certas palavras encantatórias, esquisitas e embaladoras.

O rapaz manteve-se silencioso e muito bem escondido enquanto o mouro fazia o que tinha a fazer. Mal ele partiu, dirigiu-se à cova, disse as mesmas palavras que ouvira ao outro, procurando imitar-lhe a entoação, e desencantou a moura. Tempos depois casou com a rapariga e foram vivendo a sua vida sem problemas de maior.

Um dia, porém, chegaram as saudades à moura e deu-lhe um imenso desejo de ver a família ou, mais que não fosse fazer-lhes saber que estava desencantada e vivia feliz. [...]” (Frazão [s. d.]: 45)

Em *A moura Cassima*, surge o motivo do cinto como um elemento simultaneamente precioso e potencialmente perigoso:

“Triste com o fadário de Cassima, o carpinteiro voltou lentamente para casa, com o cinto na mão. Depressa esqueceu a moura, porém, porque conforme ia olhando o cinto, o sentido fugia-lhe para o efeito que faria na mulher. E decidiu ver como brilhariam à luz da lua todas aquelas pedras maravilhosas.” (Frazão [s. d.]: 22)

“Na última paragem, resolve prender o cinto bordado a ouro à volta do tronco de um grande carvalho, para poder apreciar melhor a preciosa oferta.

Mas imediatamente o grande carvalho cai por terra, cortado cerce pelo cinto fantástico!

Benzendo-se e rezando, o carpinteiro compreende tudo: Cassima dera-lhe aquele cinto apenas para se vingar! Sua mulher ficaria cortada ao meio, como o carvalho gigantesco!... [...]” (Marques 1997: 198)

Mourama era chamada a terra dos mouros muçulmanos no norte de África, assim como a terra atópica e intemporal das mouras encantadas.

O tempo da mouraria representa esse tempo fora do tempo, incerto, sem passado, nem presente, intemporal, equivale às expressões próprias que abrem o universo da fantasia e da imaginação: 'era uma vez', 'no tempo em que os animais falavam', 'há muito, muito tempo'. Assim inicia qualquer ritual narrativo, assim se procede à ressurreição dos antigos mitos adormecidos.

As mouras são associadas a vários fenómenos da natureza. Acredita-se que o eco pode ser a voz das mouras. Em certos lugares, ventosos ouve-se as mouras a lamentar-se. Junto dos ribeiros, ouve-se nitidamente o seu sussurrar. Existem lugares isolados e tão tristonhos que ainda é possível ouvi-las chorar:

“A lenda da Moura Cassima

Nessa noite não conseguem dormir, sempre de ouvido alerta aos mínimos ruídos. Não virá a moura persegui-los até ali?

Mas a moura não vem. Nem nessa noite, nem nas restantes. Tal como dissera, a moura Cassima não mais poderá sair da sua fonte. Apenas por vezes, segundo se diz ainda – principalmente nas vésperas de S. João – ela consegue agarrar-se ao gargalo da fonte, e mostrar a sua beleza, e chorar a sua dor aos que se aventuram até lá...” (Marques, 1997: 198)

32. 4 Conclusão

Da Galiza, ao sul de Portugal multiplicam-se quase indistintamente lendas de moiras encantadas: em Silves, surge na noite de S. João uma Moura a remar na cisterna do castelo. Em Valongo, ouve-se, em certas alturas do ano, o sino da Moura a tocar debaixo da terra. Em Monsanto da Beira, as Moiras usam campainhas de ouro e aparecem ao cair da tarde «dobrando estrigas de ouro e penteando os cabelos». A imagem da Fada a pentear os seus longos cabelos de ouro, entre a tarde e a noite, é extremamente frequente no folclore galaico-português relembrando outras entidades, típicas da cultura celta:

“Mouras Mulheres belíssimas e encantadas que viven nas fontes, castros, penedos (sobre todo cando parece que son artificiais), mamoadas e ruínas de antigos monumentos ou castelos, ou sexa, baixo a auga ou baixo a terra. Reciben moitos nomes, como donas, mozas, mulleres, señoritas, señoras, madamas, encantos, princesas e raíñas. Son iguais ás hadas, xanas, anjanas, fées, korrigans, fairies, fainen, fate, moirai, etc. Teñen cabelos rubios, é dicir roxos, mais ca louros; a pel branca e as meixelas con lixeiros tons vermellos. Son sedutoras, encantadoras. Lavan, tecen, fían e peitean os seus cabelos á luz do sol, sobre unha pena ou ás beiras da fonte. Gardan tesouros e visten marabillosamente. Ó tempo que fían cunha man, mazan leite coa outra e cargan na cabeza enormes pedras, coas que constrúen os edificios ou estruturas nos que viven (castros, castelos, penedos).” (Cuba / Reigosa / Miranda 1999: 170)

Do Algarve a Trás-os-Montes, algumas Mouras infelizes aparecem de noite, sobretudo no solstício de verão, para chorar saudades e amores incomprensíveis:

“O Choro da moura em Santa Comba da Vilariça

[...]

Acontece que a princesa moura continuou a esperá-lo. E como o noivo nunca mais aparecia, todos os dias ela chorava lágrimas e lágrimas de saudades. E dessas lágrimas – diz o povo nasceu uma fonte, que hoje lá continua. E os murmúrios da água a correr lembram o choro constante da moura inconsolável. “(Parafita 2006: 350)

“A menina encantada

Dizem que no sítio da Costa, termo de Mogo de Malta, do concelho de Carrazeda de Ansiães, é costume ouvir-se à meia-noite uma menina a chorar. É uma menina encantada. E para se lhe tirar o encanto é preciso ir lá, à meia-noite, e ler o livro de S. Cipriano. E quem o ler não se pode enganar, nem ter medo. Caso contrário, a pessoa que se aventure ficará tolhida.

Ainda não houve até à data quem tivesse coragem para lá ir. Mas bem gostariam, porque a pessoa que fizesse como manda a lenda ficaria muito rica.” (Parafita 2006: 232)

Esta última lenda faz claramente alusão à familiaridade entre as mouras encantadas e o tema da bruxaria que na realidade apenas prolonga o conflito entre o imaginário pagão e a doutrina cristã. Não nos esqueçamos que uma das partes do livro de S. Cipriano é precisamente dedicado à alquimia ou arte de fazer ouro (S. Cipriano 1993: 127). Na Galiza, o termo com que as bruxas são mais conhecidas não deixa qualquer tipo de dúvidas:

“Meiga Bruxa. A palavra meiga (ou sexa, maga) amosa claramente que se trata dun mito anterior ó cristianismo. Nada diferencia as nosas meigas das que saen na Farsalia, no Asno de Ouro, nas Metamorfoses, no Satiricón, na Odisea ou nas Argonáuticas. Nin a untura nin o voo nin os enxuxos. Só o culto ó Demo, que substitúe o de Hécate e Diana.

Cremos que orixinariamente as Meigas podían efectuar os seus conxuros nun sentido ambivalente, bo ou malo. Incluirían, polo tanto, as actuais Bruxas (ás que quedaron reducidas) e as Sabias, Vedoras, Curandeiras, etc.” (Cuba / Reigosa / Miranda 2004: 162)

Não deixa também de nos impressionar a relação entre as características aquáticas das nossas mouras com as características das Burgas, ninfas celebradas junto das fontes das águas termais na cidade de Ourense. Encontramos junto uma lápida votiva com a seguinte inscrição *“Calpurnia Abana Alboso cumpriu com agrado o voto que fixera, baixo a inspiración dum sonho, ás ninfas das augas.»*” (Cuba / Reigosa / Miranda 2004: 58)

Esta última referência relaciona estas lápides com o santuário de Panóias que antes de servir o culto de Serápis, terá sido um santuário dos Lapídeas que teriam também ocupado o espaço onde hoje se situa Orense. Ainda hoje podemos contemplar as seguintes inscrições *“Aos Deuses infernais irados que aqui moram, (dedicou) Gaius C. Calpurnius Rufinus, varão esclarecido, com este (templo) uma cavidade para se proceder à mistura.”*

O senador romano, eventualmente oriundo da Ásia Menor, de uma cidade de tradição dórica e guardião do culto a Serápis, terá aqui chegado com a VII Legião Romana vindo de Panónia da Hungria, “[...] terá encontrado práticas politeístas indígenas à volta das fragas, que trezentos anos depois o bispo S. Martinho de Dume, em plena ocupação Sueva, há de perseguir através dos seus sermões e o braço da justiça eclesiástica.” (Lascariz 2009: 80-81). Relembremo-nos das palavras do santo bispo:

“Eis qual o vosso penhor e confissão que se guarda junto de Deus! Como é que alguns de vós, que renunciaram ao demónio e aos seus anjos, e aos seus cultos e às suas obras más, agora voltam ao culto do diabo? Pois acender velinhas a pedras, a árvores e a fontes e pelas encruzilhadas, o que é isso senão culto ao diabo? Observar adivinhações, augúrios e dias dos ídolos, que outra coisa é senão cultivar o diabo? Observar Vulcanálias e Calendas, ornar mesas, pôr louros, fazer observância do pé e derramar grãos e vinho no fogo, sobre um tronco ou atirar com pão para a fonte, que outra coisa é senão culto do diabo? As mulheres invocarem Minerva no tear, e observarem o dia de Vénus para o casamento, e atenderem ao dia em que se sai para viajar, que outra coisa é senão culto do diabo? Fazer encantamentos de ervas para malefícios e invocar os nomes dos demónios com encantamentos, que outra coisa é senão culto ao diabo? E há muito mais que seria demorado enumerar.” (Braga Martinho de 1997: 121)

As Lendas das Mouras encantadas constituem uma das mais originais produções do nosso imaginário. Para além dos valores e dos saberes que nos transmitem, relembram que a nossa formação cultural muito deve ao convívio intenso entre os diversos povos que contribuíram para a sua afirmação. Neste caso, percebemos o fascínio, a atração e o enamoramento que a cultura Islâmica terá suscitado numa sociedade heterogénea, mal cristianizada e sob o feroz domínio das estruturas sociopolíticas visigodas. Essa memória tornou-se tão viva quanto forte e contraditórios eram os sentimentos provocados pela atração e sedução da civilização muçulmana que, ao mesmo tempo, colocava em risco frágeis e amedrontadas almas recentemente cristianizadas.

A curiosidade pelo desconhecido, hábitos, usos, costumes, tecnologias, saberes e imaginários alimentaram e estimularam decerto a criação dessas maravilhosas criaturas que souberam sublimar antigas mitologias de períodos matriarcais, em que as figuras femininas tutelares se afirmavam, ora com a violência e a fúria extrema dos elementos primordiais, ora com a generosidade, a bondade, a beleza e o poder de sedução da grande mãe e amante que a natureza sabia ser. Da Galiza ao Algarve, as mouras encantadas permitem-nos melhor entender o processo de metamorfose que sofrem os mitos para se tornarem lendas.

março de 2018

33. 5.Referências Bibliográficas

- Alcorão 2002*, Lisboa: Mem Martins. SporPresss.
- Álvarez Peña, Alberto (2003) *Mitologia Asturiana*, Xixón: Picu Urriellu.
- Alves, Adalberto (1987) *O meu coração é árabe. Poesia Luso-Árabe*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Alves, Adalberto (1989) *Portugal e o Islão. Escritos do crescente*, Lisboa: Editorial Teorema.
- Alves, Adalberto (2013) *Dicionário Arabismos da Língua Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Apuleio (1978) *O Burro de Ouro*, Lisboa: Editorial Estampa.
- Arrieta Gallastequi, Miguel I. (1997) *Mitología de Asturias*, Gijón: Ediciones Trea.
- Bastos, José Gabriel Pereira (1988) *A Mulher O Leite e a Cobra*, Lisboa: Edições Rolim.
- Braga, Martinho (1997) *Instrução pastoral sobre superstições populares*, Lisboa: Edições Cosmos.
- Braga, Teófilo (1999) *Contos tradicionais do povo português*, vol. II, Lisboa: Publicações D. Quixote.

- Brandão, Abílio (1911) *Lendas de Mouras encantadas*. Revista Lusitana, vol. XIV. Lisboa: Livraria Clássica, 79-81.
- Cipriano, S. (1993) *Grande Livro de S. Cipriano ou tesouros do feiticeiro*, Lisboa: Veiga.
- Coelho, António Borges (1989) *Portugal na Espanha Árabe - I. Geografia e Cultura*, Lisboa: Caminho.
- Coelho, António Borges (1989) *Portugal na Espanha Árabe - II. Histórias*, Lisboa: Caminho.
- Coelho, António Borges (1999) *Para a História da Civilização e das Ideias no Gharb al-Andalus*, Instituto Camões Coleção Lazúli.
- Cristóvão, Adelaide (2010) *La Moira Enchantée au Portugal, Mémoires d'un récit mythique*, Lisboa: Edições Colibri.
- Cuba, Xoán R. / Reigosa, Antonio / Miranda Xosé (1999) *Diccionario dos seres Míticos Galegos*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- Delmas, Marie-Charlotte (2006) *Fées et lutins. Les esprits de la nature*, Paris: Omnibus.
- Durand, Gilbert (1982) *Mito, Símbolo e Mitologia*, Lisboa: Edições Presença.
- Durand, Gilbert (1989) *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, Lisboa: Edições Presença.
- Fonseca, João (2007) *Dicionário do nome das Terras. Origens, curiosidades e lendas das terras de Portugal*. Cruz Quebrada: Casa das letras.
- Frazão, Fernanda (invest.) [s.d.] *Lendas Portuguesas*, vols. I-VI, Lisboa: Amigo do Livro Editores.
- Garrett, Almeida (1997) *Romanceiro*, Lisboa: Círculo dos Leitores.
- Garrett, Almeida [1963] *Obras de Almeida Garrett*, vols. I, II, Porto: Lello e Irmãos.
- Gomes, Pinharanda (1991) *História da Filosofia Portuguesa. 3 A Filosofia Árabe-Portuguesa*, Lisboa: Guimarães.
- González Reboledo, Xosé Manuel (1989) *A Festa de San Xoán*, Vigo: Ir Indo Edicions.
- Haddad, Adnan (1984) *Fables de la Fontaine. D' Origine Orientale*, Paris: Sedes.
- Hésiode (1996) *Théogonie. Les travaux et les jours. Le bouclier*, Paris: Les belles lettres.
- Hespanha, António Manuel (Coord.) (1997) *Memórias Árabo-Islâmicas em Portugal*, Porto: Gaiadouro.
- Jacobs, Joseph (2002) *Contos de fadas Celtas*, São Paulo: Landy.
- Khawam, René R. (trad.) (1985) *Les aventures de Sindbad le Marin*, Paris: Phébus.
- Klossowski, Pierre (1991) *Origens culturais e míticas de um certo comportamento das damas romanas*, Lisboa: Cotovia.
- Lascariz, Gilberto de (2009) *Deuses e Rituais Iniciáticos da Antiga Lusitânia*, Lisboa: Zéfiro.
- Leal, Filipa (10 abril 2006), *Que mouros são esses?* in PJ, Diário de Trás-os-Montes.
- Llinares García, Mar (1990) *Os mouros no imaginário popular galego*, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Luciano (1992) *Eu, Lúcio memórias de um Burro*, Lisboa: Editorial Inquérito.
- Machado, José Pedro (1944) *A Língua Árabe do Andaluz, segundo os "Prolegómenos" de Iben Caldune*, Lisboa: Oficinas Fernandes.
- Machado, José Pedro (1944) *Ensaio Árabe-Português*, Lisboa: Notícias.
- Machado, José Pedro (1977) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Machado, José Pedro (1984) *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Macias, Santiago / Torres, Cláudio (Coord.) (s.d.) *O Islão entre o Tejo e Odiana*, Évora: Milideias.
- Malaxecheverría, I (1982) *Le bestiaire medieval et l'archétype de la féminité*, Paris: Editions Lettres Modernes.
- Marques Gentil (1997) *Lendas de Portugal*, vol. 3, Lisboa Círculo de Leitores.

- Marques, Amália (2013) *Mouras, mouros e mourinhos encantados em lendas do norte e sul de Portugal*, vol. 2. Lisboa.
- Masson, Denise (trad.) (1967) *Le Coran*, Paris: Éditions Gallimard.
- Mattoso, José (1983) Seleção, introdução e comentários. In *Narrativas dos livros de Linhagens*, Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda.
- Meireles, Maria Teresa (2003) *B. I. da Serpente*, 2.^a edição, Lisboa: apenas.
- Morais, José Domingos (trad.) (2000) *O Mabinogion*, Lisboa: Assírio e Alvim.
- Motte- Fouqué, Friedrich de la (1989) *Ondina*, Ponta Delgada: João Azevedo Editore.
- Moutinho, José Viale (2005) Portugal Lendário. O livro de ouro das nossas lendas e tradições, Lisboa: Seleções do Reader's Digest.
- Oliveira, Francisco Xavier D'Athaide (2009) *As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve*, Lisboa: Arquimedes Livros.
- Parafita, Alexandre (1999) *A Comunicação e a Literatura Popular*, Lisboa: Plátano.
- Pedroso, Consiglieri (1988) Contribuições para uma *Mitologia Popular Portuguesa e outros escritos etnográficos*, Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Pereira, Luciano (2007) *A Fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária*, Lisboa: Profedições.
- Santo Moisés Espírito (2006) *Os Mouros Fatimidas e as Aparições de Fátima*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Santos, Maria Alice Moreira dos (2000) *Dicionário de Provérbios. Adágios, ditados, Máximas, Aforismos e Frases Feitas*, Porto Editora.
- Sarmiento, Francisco Martins (1933) *Dispersos, Coletânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia, epigrafia e arte pré-histórica*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Sarmiento, Francisco Martins (1990) A Mourama, *Revista de Guimarães*, n.º 100, janeiro - dezembro pág. 343-353.
- Sarmiento, Francisco Martins (1990) Crendices. *Revista de Guimarães*, N.º 100, janeiro - dezembro pág. 29-33.
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e (1981) Nótula sobre o conceito de literatura infantil. in São, Domingos Guimarães de *A Literatura Infantil em Portugal. Achegas para a sua história*, Braga: Edição da Editorial Franciscana.
- Tente, Catarina / Lourenço, Sandra (1998) *Sepulturas Medievais escavadas nas rochas dos Conselhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo*, Revista Portuguesa de Arqueologia, (1.2)
- Vasconcelos de Inácio (1981) *Cancioneiro Popular Português*, vol. 3, Coimbra: universidade.
- Vasconcelos, José Leite de (1964) *Contos Populares e Lendas*, coordenação de Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho. 2 vol., Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Vicente, Gil (1965): *Obras de Gil Vicente*, Porto: Lello & Irmão – Editores.
- Vítor, Carmen Helena Carepo Matos (2012) *O papel das lendas de mouras na relação com o “outro” nas crianças do primeiro ciclo*. Castelo Branco: IPCB. Escola Superior de Educação. 91 f. Dissertação de Mestrado.
- Referências de fontes eletrónicas:**
- http://www.csarmiento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG100_11.pdf
- <https://fabulassonhadas.wordpress.com/abc-das-fadas-e-dos-genios/>
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnio_\(mitologia_%C3%A1rabe\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnio_(mitologia_%C3%A1rabe))
- http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Mouras_encantadas

<http://www.cm-mirandela.pt/pages/319>
<http://www.memoriaportuguesa.pt>
<http://www.memoriaportuguesa.pt/castelo-de-noudar>
<https://pt-comunidades.com/lenda-da-fonte-da-moura-encantada/>
<http://www.lendarium.org/narrative/lenda-da-fonte-da-moura/?tag=725>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Fonte da Moura Encantada](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fonte_da_Moura_Encantada)
<http://portugalparanormal.com/index.php/topic,24082.0.html>
<http://www.diariodetrasmontes.com/noticias/compecta.php3?id=8330>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Fonte da Moura Encantada](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fonte_da_Moura_Encantada)

SÓCIO FUNDADOR DA AICL,

VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

TOMA PARTE - QUASE ININTERRUPTAMENTE - EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002

30. MARGARETE SILVA, TRADUTORA FREELANCE, AICL PRESENCIAL



LOMBA DA MAIA 2016

Margarete Isabel de Almeida Silva nasceu em Angola, e cedo soube o que era viver em países multiculturais e multilinguísticos.